Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Quando as águas não assombram o suficiente: uma análise dos desastres climáticos a partir da midiatização[1]

When the waters aren't frightening enough: an analysis of climate disasters from the perspective of mediatization

Isabelle Rieger dos Santos
Carine Massierer

Palavras-chave: Desastres climáticos; Midiatização; Fotojornalismo.

1. DESASTRES CLIMÁTICOS E AS IMAGENS CONSTRUÍDAS

Este trabalho propõe uma análise dos sentidos produzidos na midiatização dos desastres climáticos, tomando como objeto empírico duas fotografias distribuídas pela Agence France-Presse (AFP): a primeira registra plantações e casas submersas em Eldorado do Sul pela cheia do Rio Jacuí (RS, 2024); a segunda documenta as consequências de um deslizamento de terra em Juiz de Fora (MG), em 2026. Ambas foram produzidas em perspectiva aérea, escolha enunciativa que afasta o observador dos sujeitos afetados e produz uma representação totalizante do desastre. A partir dessas imagens, busca-se compreender como os processos midiáticos constroem narrativas sobre a tragédia, articulando elementos visuais, afetivos e simbólicos que orientam a percepção pública dos eventos.

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Os desastres ambientais passaram a fazer parte da rotina diária do ser humano em todas as partes do planeta e no Brasil não é diferente. Em diferentes estados e rincões as pessoas passam a sofrer com mais intensidade com as causas das mudanças climáticas, das quais elas também são responsáveis. Os desastres climáticos, segundo Amaral, Loose e Girardi (2024), são multicausais, não começam quando eclodem, são acontecimentos sociais, naturais e envolvem outras nuances, têm impactos transversais e são percebidos de maneira diferente por grupos sociais dependendo da afetação pelo fenômeno e cada um responde de forma diferente às fases de emergência, enfrentamento e reconstrução. Além disso, os desastres passam por uma construção simbólica que pode ser observável nesta pesquisa por meio das fotografias selecionadas e das camadas de sentidos que elas acabam gerando.



Plantações e casas submersas em Eldorado do Sul pela cheia do Rio Jacuí em 2024 e vista aérea após um deslizamento de terra causado por fortes chuvas em Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais, Brasil, em fevereiro de 2026 e. Fonte: Anselmo Cunha/AFP e Ivan Pisarenko/AFP.

O objetivo é analisar as duas imagens à luz do conceito de fantasmagoria, compreendido como o processo pelo qual uma imagem remete a outras imagens anteriores por acionar estruturas profundas do imaginário coletivo. Esse conceito é trabalhado por Didi-Huberman em Imagens apesar de tudo (2012) e encontra ressonância

na Teoria Geral do Imaginário, em particular em Durand (1997), para quem o imaginário constitui um sistema de imagens e símbolos que organiza a experiência humana do mundo. Também nos ancoramos em Bachelard (1989), cujas reflexões sobre a imaginação material da água incidem sobre o objeto de análise deste artigo. As duas fotografias foram produzidas em perspectiva aérea, enquadramento que marca a distância entre o observador e o fenômeno retratado: afastamento também simbólico, na medida em que o ponto de vista totalizante tende a apagar os sujeitos afetados por conta da falta de proximidade física da pessoa que fotografa e o que é fotografado.

A circulação dessas imagens ultrapassou os veículos que as publicaram originalmente. Replicadas em plataformas digitais como o X (antigo Twitter), mobilizaram reações coletivas de consternação, crítica política e solidariedade. A fotografia da inundação gaúcha tornou-se referência visual do ocorrido de 2024, evidenciando o impacto sobre pequenos agricultores e comunidades quilombolas. A imagem do deslizamento em Juiz de Fora impulsionou debate sobre responsabilidade pública e recorrência de desastres em áreas de risco. Esses movimentos confirmam a hipótese de Rosa (2017) de que a circulação constitui um processo de valorização, em que a imagem inserida no ambiente midiático adquire uma força que a autonomiza em relação ao acontecimento de origem. Fausto Neto (2018) observa que os sentidos são reelaborados por atores sociais midiatizados que co-produzem o acontecimento a partir de suas próprias lógicas e temporalidades, sem seguir um percurso linear entre produção e recepção.

2. MIDIATIZAÇÃO E CIRCULAÇÃO COMO APORTES TEÓRICOS

A partir de uma revisão da literatura, o estudo fundamenta-se teoricamente nos aportes de Eliseo Verón (2009), Braga (2014) Fausto Neto (2018), especialmente no que

tange aos sentidos produzidos socialmente e à circulação, compreendendo a mídia não apenas como transmissora, mas como produtora de significados. Isso porque as fotos de desastres climáticos não são produzidas somente para a visibilidade ou como demonstração de perspectivas, mas são imagens pensadas pelo jornalista ou fotógrafo no intuito de que circule e sejam acessadas o maior número de vezes possível. Ou seja, as estratégias e a valoração são balizadas em lógicas de midiatização (Braga, 2014). Nesse sentido, as fotografias são analisadas como dispositivos enunciativos que operam dentro de regimes de visibilidade específicos, nos quais determinados aspectos do desastre são enfatizados enquanto outros são silenciados.

Rosa (2017, 2019) fundamenta a centralidade das imagens na cultura midiática contemporânea e a maneira como a visualidade atua na construção de percepções coletivas diante de eventos extremos. As fotografias de desastre tendem a produzir uma estetização da catástrofe que, ao acionar o imaginário do público, pode contribuir para a naturalização da tragédia quando inserida em fluxos contínuos de informação.

Além disso, a partir das contribuições de José Luiz Braga (2014), discute-se a lógica da midiatização como processo estruturante das práticas sociais, no qual os desastres passam a ser vivenciados e compreendidos através de mediações técnicas e discursivas. Nesse contexto, as imagens analisadas revelam não apenas o evento em si, mas também as formas pelas quais a sociedade organiza sua resposta simbólica aos desastres.

3. QUANDO UM DESASTRE LEMBRA IMEDIATAMENTE O OUTRO - ANÁLISE

A análise comparativa das duas fotografias busca identificar aproximações e diferenças nos modos de representação, atentando para elementos como enquadramento, presença ou ausência de sujeitos, apelos emocionais e construção de narrativas de

sofrimento, resistência ou espetáculo. Argumenta-se que, apesar da intensidade dos eventos retratados, a repetição de imagens de desastre pode produzir um efeito paradoxal: quando as águas já não assombram o suficiente, há um deslocamento do impacto para uma zona de familiaridade, reduzindo uma possibilidade de mobilização social.

O conceito de fantasmagoria, exposto por Didi-Huberman (2012) em Imagens apesar de tudo[2], nos auxilia a compreender nosso objeto de análise. Para o autor, cada imagem carrega o espectro de imagens anteriores, que reaparecem e se atualizam no presente, estabelecendo uma relação de sobrevivência entre representações de diferentes épocas. As fotografias analisadas operam nessa lógica: a visualização das casas submersas em Eldorado do Sul ou da encosta dilacerada em Juiz de Fora aciona um repertório iconográfico sedimentado por desastres anteriores, como os de Itajaí, Petrópolis e da Região Serrana do Rio de Janeiro.

Cada nova fotografia de inundação ou deslizamento chega ao público já atravessada por esse arquivo de imagens, o que explica a força do impacto inicial e sua progressiva banalização. Rosa (2019) designa esse fenômeno como hipertrofia do olhar: a repetição das imagens esvazia a potência de mobilização. A autora recupera ainda a etimologia do termo imagem: bild, no antigo alemão, carrega a ideia de sombra: forma de presença que persiste mesmo após o desaparecimento da imagem original (ROSA, 2019). As imagens de desastre funcionam como esse vestígio: após o encerramento da cobertura midiática, permanecem no imaginário coletivo e são reativadas por novas fotografias de eventos semelhantes. Rosa (2017) demonstrou que a circulação de imagens de choque consolida uma força totêmica: a imagem se autonomiza do acontecimento que a originou e passa a condicionar a percepção de acontecimentos posteriores semelhantes, funcionando como matriz de reconhecimento e de naturalização. Bachelard (1989), contribui para essa discussão ao tratar a água como substância do imaginário com

[2] A formulação do conceito é feita a partir do diálogo de Didi Huberman com o pesquisador de história da arte Aby Warburg.

conteúdo simbólico: ela apaga os contornos, dissolve as formas e nivela aquilo que submerge.

Na fotografia das inundações em Eldorado do Sul, a superfície uniforme da cheia que encobre casas, plantações e estradas concretiza esse apagamento. A perspectiva aérea evidencia a homogeneização produzida pela água sobre o que antes era diferenciado. Articuladas, as contribuições de Bachelard (1989), Didi-Huberman (2012) e Rosa (2017, 2019) permitem argumentar que as imagens de desastres ativam, no imaginário, uma fantasmagoria das águas da morte, em que cada nova inundação ecoa as anteriores, reforçando o impacto imediato e a familiaridade progressiva com a recorrência. Didi-Huberman (2012), a partir do conceito de *nachleben* de Warburg, designa como vida póstuma a capacidade das imagens de reaparecerem em novos contextos. As fotografias de desastres climáticos integram, assim, uma cadeia de representações em que o sofrimento de comunidades gaúchas e mineiras faz eco em imagens de outras comunidades afetadas por catástrofes anteriores.

4. A MIDIATIZAÇÃO DOS DESASTRES CLIMÁTICOS E O NECESSÁRIO AUMENTO DE CIRCULAÇÃO PARA CONSCIENTIZAÇÃO - POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES

A crise climática que vivemos atualmente evidencia a intensificação dos desastres naturais que também passam a ser midiatizados e a urgência de uma cobertura jornalística responsável e comprometida com o interesse público. E eles não apenas passam a ser midiatizados porque são inscritos na mídia, os desastres são atravessados pela midiatização seja no compartilhamento de uma mensagem no Whatsapp, em um pedido de socorro, em um vídeo compartilhado, na ausência de energia e nas experimentações sociais que emergem dessa falta. Sendo assim, o desastre não ganha a mídia somente, ele está inscrito nesse cenário complexo. Nesse cenário, o jornalismo desempenha um papel

fundamental ao informar, contextualizar e cobrar ações de autoridades e da sociedade, evitando tanto o sensacionalismo quanto a superficialidade. Ao dar voz às comunidades afetadas, explicar as causas estruturais dos eventos extremos e combater a desinformação, a imprensa contribui para a conscientização coletiva e para a construção de respostas mais eficazes diante da crise. Assim, mais do que relatar tragédias, o jornalismo se torna um agente essencial na mobilização social neste mundo midiatizado.

A intensificação dos desastres climáticos coloca em relevo a responsabilidade do jornalismo na cobertura desses eventos. Ao selecionar, enquadrar e colocar imagens em circulação, os veículos midiáticos contribuem para a construção pública do significado das catástrofes. Coberturas comprometidas com o interesse público incluem a contextualização das causas estruturais dos eventos, a representação das comunidades afetadas e a cobrança de ações das autoridades competentes. A repetição de enquadramentos estéticos semelhantes, por outro lado, pode contribuir para a naturalização dos desastres e para o esvaziamento da mobilização social: quando vemos demais um mesmo tipo de imagem, ficamos anestesiados com ela a ponto de não nos mobilizar mais pelo que ela evoca (Sontag, 2003).

Desta forma a midiatização dos desastres climáticos desempenha papel fundamental na produção de sentidos sobre a crise ambiental contemporânea, sendo necessário problematizar os modos de visibilidade que configuram tais eventos. Ao analisar criticamente essas imagens, o trabalho contribui para o debate sobre mídia, jornalismo, imagem e desastre, evidenciando a importância de compreender não apenas o que é mostrado, mas como e com quais efeitos de sentido.

Referências

AMARAL, Márcia Franz; LOOSE, Eloísa Beling; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho (Org.). **Manual para a cobertura jornalística dos desastres climáticos**. 1. ed. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2024. Disponível em:

https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/290008/001242566.pdf?sequence=1&isAllowed=y

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BRAGA, José Luiz. Lógicas da mídia, lógicas da midiatização?. In: **Relatos de investigaciones sobre mediatizaciones**. CIM, *2014*, Rosario, Argentina. p.1-20, 2014.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. Lisboa: KKYM, 2012.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: trajetos conceituais. **Rizoma**, *6*(2), p. 08-40, 2018. Disponível em:https://doi.org/10.17058/rzm.v6i2.13004

ROSA, Ana Paula da. Tensões entre o registro e a encenação: a imagem de Aylan Kurdi e sua constituição em totem. **Revista Observatório**, Palmas, v. 3, n. 1, p. 327-351, jan./mar. 2017.

ROSA, Ana Paula da. Imagens que pairam: a fantasmagoria das imagens em circulação. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 26, n. 2, mai./ago. 2019. https://doi.org/10.15448/1980-3729.2019.2.31605

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

VERÓN, Eliseo. Os públicos entre produção e recepção: problemas para uma teoria do reconhecimento. **ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 11-26, jan./jun. 2009.